

APRENDIZAGEM E DIVERSIDADE

**Hellen Da Cunha Barbosa Pacheco,
Virginia Maria Pereira de Melo**

1 Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás - CCSEH
2 Docente da Universidade Estadual de Goiás - CCSEH, mestre em Ciências da Educação Superior

Introdução

A inclusão é um tema que provoca angústia nos docentes e na própria escola, por envolver situações novas e para as quais ainda temos poucas respostas. As exigências e cobranças referentes à educação inclusiva são muitas, considerando que um crescente número de alunos com necessidades especiais está chegando todos os dias às escolas, especialmente às escolas públicas, em um contexto social no qual todo cidadão tem o direito inalienável à educação. Essa situação exige que sejam tomadas providências dentro das instituições para recebê-los adequadamente, considerando especialmente as crianças com Transtorno do Espectro Autista.

O autismo não pode ser considerado um transtorno claramente definido, apesar de todas as pesquisas realizadas em várias áreas, sob diversas abordagens, não havendo ainda um agente apontado objetivamente como a sua principal causa. Da mesma forma, por ter grande abrangência, não é fácil determinar formas de tratamento e de trabalho pedagógico que não somente permitam a inclusão da criança autista, mas também permitam sua aprendizagem e consequente desenvolvimento. Diante desse cenário, entendemos que uma das dificuldades dos professores é saber como trabalhar com essas crianças, garantindo sua permanência com sucesso no ambiente escolar.

Assim, esse estudo objetiva refletir criticamente sobre os desafios encontrados pelos professores no processo de ensino-aprendizagem de crianças com autismo, para apresentar subsídios à sua prática pedagógica. Ele é parte de um trabalho monográfico, que posteriormente incluirá observações em salas de Ensino Fundamental em uma escola particular e aplicação de questionários com as professoras regentes da escola. O referencial básico será Mônica Santos e Marcos Paulino para a inclusão na escola, Rosângela Prieto para formação de professores e Ami Klin sobre o espectro autista.

Referencial Teórico

O fato de que a inclusão educacional é uma realidade na Educação Básica pode ser constatado pelo número crescente de alunos com necessidades educativas especiais que chegam cotidianamente às escolas. Essa constatação é altamente positiva, pois deixa claro o reconhecimento do direito à educação para todos, porém implica na necessidade de mudanças nos aspectos pedagógicos e físicos dessas escolas, visto que o ambiente educativo não está preparado para receber e fornecer apoio a essas pessoas, bem como aos professores que trabalharão com elas.

A educação inclusiva tenta diminuir de todas as formas qualquer tipo de exclusão na área educacional, fazendo com que sempre ocorra a participação tanto individual quanto coletivamente de todos os envolvidos no processo educativo. É fato que os educadores enfrentam diversas dificuldades para dar uma boa aula voltada para as diferentes realidades e condições de aprendizagem de seus alunos. Para Mantoan (2005), por essa razão comete-se o equívoco institucional de pretender normatizar os comportamentos dos agentes educativos, de forma ordenada, organizada e regulamentada pelas escolas, comprometendo as possibilidades de aprendizagem dos alunos que fogem dos padrões convencionais. Nesse contexto o aluno com Transtorno do Espectro Autista, personagem hoje comum nas classes regulares de ensino, em conjunto com os demais alunos que apresentam ou não distúrbios de aprendizagem, compõe um ambiente escolar no qual o professor tem um papel diferenciado.

A reorganização do ambiente escolar deve considerar um conjunto de pressupostos, incluindo a formação continuada dos professores para o conhecimento de cada dificuldade, síndrome ou transtorno identificado, para que não se corra o risco das escolas se transformarem em meros depósitos, que resultarão em crianças e professores frustrados, tanto no sentido acadêmico, como também no sentido pessoal (CORREIA, 1997).

A Educação Inclusiva é motivo de várias discussões e debates, pois o que pode ser observado em muitas escolas é que matrículas de alunos autistas são realizadas nas escolas apenas como uma “obrigação” e não como um direito a igualdade de todos. E no caso dos alunos autistas, uma “obrigação” penosa, pelas características do transtorno e pelo desconhecimento dos docentes.

Segundo Paulino e Santos (2006) para se alcançar a transformação social que tanto precisamos, é necessário uma educação de qualidade, pois hoje a desigualdade social e a falta de respeito são usuais na sociedade e isso se reflete na escola, pelo fato de ter que ocorrer a exclusão de alguns para que outros sejam beneficiados.

A proposta de inclusão tem um caráter revolucionista pois desejam incondicionalmente que exista menos hierarquização e exclusão tendo como argumento que todos possuem o mesmo valor pelo fato de serem todos humanos. Não existe inclusão sem a exclusão pois os seus conceitos estão totalmente ligados, porque a inclusão é a luta pela exclusão, fazendo com que deixe claro que sempre haverá luta para se obter uma educação inclusiva, entretanto, a inclusão sempre estará em processo.(PAULINO E SANTOS, 2006, p. 12)

O autismo também é conhecido como transtorno autístico, autismo infância, autismo infantil e autismo infantil precoce, sendo então identificado como TID, termo escolhido para mostrar que várias áreas de funcionamento são afetadas nele. As anormalidades no funcionamento em cada uma dessas áreas devem estar presentes em torno dos três anos de idade.(KLIN, 2006)

As crianças autistas no ambiente escolar exigem uma atenção extra por parte dos docentes, e dentro deste contexto, nada melhor que estes se encontrem preparados para lidar com as especificidades do transtorno a fim de minimizar suas consequências. Com uma prática pedagógica voltada a atender as necessidades características do autista, associada com acompanhamento psicológico e medicamentoso, é possível contornar as dificuldades de aprendizagem do aluno. Uma ação didático-pedagógica que valorize a afetividade torna possível contornar as dificuldades de aprendizagem e de conduta social de grande número de autistas (ALVES, 2005).

Devido às características do transtorno (deficiências e anormalidades cognitivas, ausência de relação social, movimentos corporais estereotipados ,ausência de capacidade de imitação) esse aluno consegue dispersar a atenção da turma com seu comportamento, exigindo assim do professor um olhar especial, o que muitas vezes se torna inviável pela quantidade de alunos presentes na sala de aula ou até mesmo pela sua falta de qualificação para lidar com esta questão (ALVES, 2005). O despreparo do professor dificulta uma aprendizagem mais eficiente por parte do autista, uma vez que o mesmo necessita de estímulos especiais apropriados para prender sua atenção (PRIETO, 2006).

O diagnóstico necessita de uma avaliação minuciosa, aprofundada. Ela inclui, comumente, um levantamento do funcionamento intelectual, acadêmico, social e emocional. O exame médico também é expressivo para esclarecer possíveis causas de sintomas, visto que vários problemas biológicos e psicológicos podem contribuir para a manifestação de sintomas semelhantes aos apresentados pelo autista. Deve incluir o recolhimento de informações das

pessoas envolvidas rotineiramente com o indivíduo, como por exemplo, os professores e os colegas.

Conclusão

Com a conclusão do trabalho empírico, pretendo mostrar que a inclusão é necessária dentro de uma escola e principalmente na sociedade, pois todos nós somos iguais e não se deve ser tratado diferente por ter determinado diagnóstico ou não. Mas já é possível pelo estudo feito identificar que as nossas crianças autistas precisam de professores capacitados para que saibam fazer todas as mudanças necessárias no aspecto pedagógico e estas sejam incluídas em todas as atividades.

Referências

ALVES, Denise de Oliveira. **Inclusão escolar de alunos com deficiência**: expectativas docentes e implicações pedagógicas. *Inclusão*: Revista da Educação Especial / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.v.1, n.1 (out. 2005), Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005, p. 31 a 36.

CORREIA, L. **Alunos com Necessidades Educativas Especiais nas Classes Regulares**. Portugal: Porto Editora, 1997. Coleção Educação Especial.

KLIN, Ami. **Autismo e síndrome de Asperger**: uma visão geral. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 2006: 28 (Supl I): S3-11.

MANTOAN, Maria Teresa. *O direito de ser, sendo diferente na Escola*. In: David Rodrigues (Org.) **Inclusão e Educação**: doze olhares sobre a Educação Inclusiva. São Paulo: Summus, 2005.

PRIETO, Rosângela Gavioli. **Inclusão escolar**: pontos e contrapontos. SP: Ed. Summus, 2006.

SANTOS, Mônica Pereira; PAULINO, Marcos Moreira (orgs.). *Inclusão em educação: culturas, políticas e práticas*. São Paulo: Cortez, 2004.